

## **Terra Morta: Colonização, poder e raça na narrativa de Soromenho.**

**Ivo Ferreira<sup>1</sup>**

Terra Morta (1949), marca a visão de Castro Soromenho sobre a decadência econômica e social da região de Camaxilo (Angola), provocada por um sistema colonial que se impunha pela força, soterrava uma estrutura social anterior (a dos sobas), e implanta uma sociedade calçada na respeitabilidade através do pigmento e do aspecto físico: o tripé de hierarquia brancos, mulatos e negros.

A queda do preço da borracha – principal produto exportação – provocada pela crise econômica mundial durante as décadas de 20 e 30 do século XX, faz com que a região entre em declínio, fato representado, na narrativa, através dos colonos comerciantes (portugueses brancos) que vêem aos poucos seus comércios de borracha falirem. A matéria prima é conseguida por via, geralmente, do escambo de tecidos e sal (o tingo), com os negros nativos. Por conta desse declínio comercial que força o deslocamento da administração colonial para outras regiões (de produção de algodão ou de mineração) a terra “morre”.

A trama da narrativa gira em torno das questões sociais que tem como base o sistema colonial-racial. Sistema que Castro Soromenho conhece bem, uma vez que nasce em Chinde (Moçambique - 1910) é filho de mãe caboverdeana e seu pai (português) atua diretamente no processo de colonização como governador da Lunda angolana. Soromenho passa infância e juventude em Angola, onde exerce funções dentro da estrutura colonial, inclusive como recrutador de mão de obra para empresas de mineração, atividade bastante mencionada nas páginas de terra Morta. Como o próprio Soromenho relata:

Desde que nos meus romances surgiram novas realidades sociais e se me apresentaram as suas contradições, logo se impôs, naturalmente, uma nova técnica e um novo estilo literário. O neo-realismo teria de ser o novo caminho<sup>2</sup>

O cotidiano regional angolano invade a literatura de Soromenho e Angola é representada pelo seu imaginário em uma relação que Wolfgang Iser<sup>3</sup> chama a

---

<sup>1</sup> Doutorando em Letras (literatura e cultura) – Universidade Federal da Bahia – UFBA. Professor da Faculdade Montessoriano do Salvador-Ba. Pesquisador do NGEAALC Núcleo do Grupo de Estudos Africanos e Afro-brasileiros em Línguas e Culturas – Universidade Estadual da Bahia -UNEB

<sup>2</sup> Castro Soromenho - Jornal Cultura – Luanda, 1960.

<sup>3</sup> ISER, Wolfgang. *Os atos de fingir ou o que é fictício no texto ficcional*. In: LIMA, Luiz Costa. *Teoria da literatura em suas fontes*. Vol. 02. Livraria Francisco Alves SA. Rio de Janeiro, 1983.

atenção para a presença de elementos do real no texto ficcional e estabelece essa relação em tríade (real, fictício e imaginário) que convencionalmente sempre fora exposta como oposição binária: realidade e ficção. Com base na “tríade”, Wolfgang cita que mesmo as instâncias consideradas imunes as ficções (as bases da história da teoria do conhecimento) são ficções. O que deixa ainda mais clara a discussão de como a realidade e a ficção estão intrincadas na narrativa de Soromenho, através do que Iser proclama como “atos de fingir”. Iser estabelece que a realidade põe-se nos textos ficcionais por meio da interação entre o fictício e o imaginário como fabricações dos contextos humanos e logo “criadores” de realidades. Em terra Morta, o fictício então se qualifica como uma específica forma de “objeto transacional” que se move entre o real e o imaginário, com a finalidade de provocar sua mútua complementaridade.

### **Colonização: a passagem de uma antiga ordem política para uma nova ordem**

É oportuno lembrarmos que a ação de colonização da Europa no continente africano foi elaborada através de sistemas diferenciados. E para entendermos o sistema português de colonização em Angola, exibido em Terra Morta, façamos a diferenciação pelo olhar de Pio Penna filho que os difere em três tipos: o modelo inglês de administração indireta (indirect rule) que preservava as estruturas locais desde que essas fossem úteis a dominação metropolitana, a administração direta (direct rule), executada, principalmente pelos franceses, que objetivava a mudança profunda das estruturas sociais locais, através de um controle que em partes assimilava os povos colonizados. E o terceiro tipo era o modelo português, direto, como o francês, mas com suas especificidades, denominado por Penna de “ultracolonalista”, o autor vale-se do olhar de Perry Anderson ao classificar o modelo luso como: “simultaneamente a mais primitiva e a mais extremista modalidade de colonialismo”<sup>4</sup>. O fato de Portugal ter características diferenciadas de Inglaterra e França tornou seu modo de colonizar ainda mais cruel, ainda apoiado nas visões de Penna e Anderson. Em melhores termos, Portugal não era uma nação industrializada que tencionava expandir mercados para a sua produção ou buscava

---

<sup>4</sup> ANDERSON, Perry, Portugal e o fim do ultracolonialismo. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1996, p,14. Apud PENNA, Filho Pio. A África contemporânea: do colonialismo aos dias atuais. – Brasília: Hinterlândia Editorial, 2009.

fonte de matérias-primas, uma vez que não existia um parque industrial metropolitano. O país tinha a sua economia girando em torno da exportação de matérias-primas e importação de produtos manufaturados o que marca um grau de subdesenvolvimento. A base de movimentação econômica do colonialismo português se dava na utilização extrema do trabalho forçado dos povos dominados, aquilo que Darcy Ribeiro denominou, sobre a colonização brasileira, como “moinhos de gastar gente: os afro-brasileiros”<sup>5</sup>. Portugal utilizou-se, até a exaustão, da força vital dos povos colonizados, tanto para uso das empresas da iniciativa privada quanto para as obras públicas. A metrópole portuguesa desenvolve também know-how na exportação dessa mão-de-obra, seja entre as suas colônias ou arrendando-a para ingleses e franceses que se valeram igualmente dos braços africanos, ou afroamericanos para erguerem seus impérios. Mas, sem dúvidas, uma das maiores fontes de renda do império português estava em abrir suas colônias para o capital estrangeiro, um dos exemplos que melhor ilustra esse quadro foi o da Companhia dos diamantes de angola (Diamang), que tinha como maior fonte de capital a origem anglo-saxão, belga e alemão<sup>6</sup>. Essa atividade é fartamente explicitada na obra de Soromenho:

Mas os brancos do governo estavam ali, com suas ordens terminantes e ameaças prontas a concretizarem-se em castigos, se alguém tivesse a veleidade de não querer aceitar o trabalho imposto ou sonhasse discutir o salário de tutela. E eles não tinham outro jeito senão irem diretos ao nordeste, para muito longe de suas aldeias, das mulheres e filhos, onde ficariam um ano a abrirem as minas cavando terras ribeirinhas e abrindo poços em chão de cascalho. E aquilo era de sol a sol, picareta abaixo, picareta acima, ferindo-se no cascalho que lhes saltava em lasca para as pernas lanhando-as como se fossem navalhas. Nenhum daqueles homens conhecia por experiência poria o trabalho nas minas de diamantes, mas nas suas aldeias viam a toda hora os que lá estiveram, de pernas ulceradas estendidas ao sol, meses e meses inutilizados, gastando com curandeiros os poucos vinténs que ganharam e desfazendo-se dos panos e bugigangas adquiridas nos armazéns da Companhia. E contavam histórias horríveis dos duros trabalhos e dos brancos desse Nordeste que se tornara o inferno dos homens do sertão.

(SOROMENHO, 1985, p. 80/81)

Em terra Morta tem-se a exposição desse modelo colonial ao longo de todo o tecido narrativo. O que delinea bem a implantação desse modelo é a passagem de uma antiga ordem política para uma nova ordem – agora colonial – na qual dois personagens sobressaem: o sipaio Caluis e o último grande soba, o Xá-Macauri.

---

<sup>5</sup> RIBEIRO, Darcy. O povo brasileiro: evolução e sentido do Brasil – São Paulo: Companhia das letras, 1995.

<sup>6</sup> PENNA, Filho Pio. A África contemporânea: do colonialismo aos dias atuais. – Brasília: Hinterlândia Editorial, 2009, p. 27.

Caluis funciona como um dos símbolos da mudança da estrutura de poder. Ainda simbolizando a derrocada da velha ordem, Soromenho constrói, até de modo exótico, o personagem Xá-Mucuari que vê a pré-colonização do solo angolano através da invasão militar e a ocupação colonial pelos burocratas protegidos pelos seus sipaios, capitas e mata-bichos. É o confronto entre o sipaio Caluis e o soba Xá-Mucuari que marca a passagem definitiva de uma estrutura social para outra de cunho colonial em solo angolano. Com a morte de um preposto, negro, dos brancos (o sipaio Caluis) pelas mãos do Xá-Mucuari, e com a morte deste personagem também, simbolicamente, Soromenho faz a passagem para a nova estrutura social da região de Camaxilo:

Foi nesse momento que se ouviu um grito e logo um homem entrou a correr no terreiro, com as mãos na cabeça, a berrar que o soba estava morto. A multidão precipitou-se atrás do homem, matagal dentro. Os velhos correram a rouquejar de ira. Perto do rio, numa pequena clareira, chão de santuário, com manipanços de olhos arregalados e pequenos fetiches dentro de cabaças e panelas de barro negro, viram o Xá-Mucuari pendurado pelo pescoço numa árvore.

(SOROMENHO, 1985, p. 148)

### **O poder e a imagem física**

Terra Morta expõe em suas páginas a formação de uma estrutura social que tem como um dos pré-requisitos da representação de poder a cor da pele. Esse sistema de dominação colonial tem como aliado a inculcação ideológica sustentada por dois braços: a “missão civilizadora” do cristianismo católico e a teoria da superioridade europeia, defendida por cientistas, obviamente europeus, e ligados direta ou indiretamente a expansão capitalista e colonial europeias. Para melhor entendermos a construção no imaginário colonial angolano que Soromenho exporá em Terra Morta, é de grande valia olharmos mais pausadamente (ainda que de modo sucinto) sobre como a Europa constrói as suas visões de racialização do mundo:

Todorov<sup>7</sup> (1989) indica os iluministas como os primeiros teóricos de racialização da Europa. Segundo o autor, é o iluminismo que primeiro coloca em foco discussões sobre a existência de raças humanas, assim como as diferenças físicas estabelecem as diferenças mentais que são transmitidas hereditariamente. Os iluministas atrelam o comportamento individual ao grupo sociocultural ao qual pertence o indivíduo, ou

---

<sup>7</sup> Para maior profundidade sobre esse tema ver SANTOS, Gislene Aparecida dos. A invenção do “ser negro”: um percurso das idéias que naturalizaram a inferioridade dos negros. – São Paulo: Educ/Fapesp; Rio de Janeiro: Pallas, 2005.

como há uma elaboração de hierarquia racial baseada em juízos de valores, segundo essa linha, universais. Nesse sentido, Todorov aponta Buffon como o primeiro racialista.

Já no século XVIII, havia um debate entre duas correntes, a monogenista e a poligenista. A primeira defendia que as diferenças entre os seres humanos condicionavam-se a fatores climáticos, geográficos e culturais, enquanto os poligenistas pensavam que essas diferenças eram frutos de origens raciais diferenciadas. Os monogenistas eram acusados de seguir a tradição religiosa que pregava a formação da humanidade através do gênesis, portanto uma visão não científica. Logo os discursos ganham outros contornos e novas correntes passam a serem designadas por Evolucionistas (que seguiam os mesmos argumentos ecológicos defendidos pelos monogenistas) e os Racistas (que seguiam os argumentos biológicos pelos quais os destinos dos povos condicionavam-se a sua raça). Era de grande influência para os pensadores do século XVIII a crença da perfectibilidade que se sustentava na noção dos seres humanos subordinados ao clima. Através desse pensamento acreditava-se na mudança das ações dos povos quando modificada as condições externas. Essa crença é aos poucos desqualificada por dois motivos: a descoberta da hereditariedade humana e também as descobertas sobre a idade da Terra pelos estudos geológicos. No entanto, é essa mesma crença na perfectibilidade que se soma a noção de evolução para gerar teorias sobre povos mais ou menos evoluídos, ou povos “maduros” e povos “infantis”. É no século XIX que essas idéias ganham impulso com o pensamento burguês europeu e a palavra “raça” definitivamente muda de significado: de mero sinônimo para “linhagem” (caráter histórico, mutável) para a noção de definição e segregação humanas (caráter biológico, imutável)<sup>8</sup>. A partir desse momento a Europa passa a verticalizar a raças humanas, colocando o tipo caucasiano no topo dessa verticalização e segundo Gustav Carus: “constitui dever dos povos do dia (caucasiano) o guiar e ajudar os outros menos favorecidos.”. Surgem dois nomes que apesar de assemelharem-se em suas linhas de idéias divergiam em pontos vitais: O Alemão Gustav Klemm e o teórico Artur de Gobineau. Klemm acreditava que a humanidade constituía-se em raças ativas e passivas, pensamento que segue

---

<sup>8</sup> SANTOS, Gislene Aparecida dos. Apud Michael Banton. 2005, p.48.

uma linha parecida com a de Carus. O novo na teoria de Klemm é a visão de casamento entre as raças ativas e passivas provocando a melhoria das raças passivas por intromissão das ativas. Por sua vez, Gobineau acreditava na degeneração humana quando da mistura entre as raças superiores e as inferiores. Além desses dois pensadores ainda surge a corrente do Darwinismo social que acrescenta um novo ingrediente a essa discussão. Defendia a extinção das raças inferiores quando em cruzamento com as raças superiores. O que interessa para compreender a colonização exposta em Terra Morta é entender qual a classificação de “superiores” e “inferiores” considerados por essas correntes. Sem exceção, há noção de superioridade das raças brancas, conforme explica Gobineau:

Tal é a lição da história. Ela mostra-nos que todas as civilizações derivam da raça branca, e que nenhuma outra pode existir sem a sua ajuda, e que uma sociedade só é grande e brilhante enquanto preservar o sangue do grupo nobre que a criou, desde que esse grupo também pertença ao ramo mais ilustre da nossa espécie.

(Apud Banton, 1977, p.55)<sup>9</sup>

É com essa formação ideológica que o colonizador português chega a Angola e é o que vemos se estender em diversas passagens da obra de Soromenho. O português observa de modo sempre pejorativo, negativo e etnocêntrico os nativos angolanos, dessa forma, sob a noção de “superioridade”, o colonizador branco, nomeia e se arvora a ditar e criar as estruturas sociais e mentais do colonizado negro:

Um cão ganiu e veio a correr, com uma perna no ar, do quintal da casa do secretário. Parou no meio do largo, agachou-se junto ao pau da bandeira e ganiu mais alto. Cebola soltou uma gargalhada, todo satisfeito por lhe ter acertado com um pau, quando o apanhou na cozinha do patrão a lamber o fundo de uma panela.

- É pra tu não volta – disse ele, e riu alto.

Mas, pouco depois, veio debruçar-se na paliçada do quintal e chamou pelo cão:

- Ratão! Eh, Ratão!

O cachorro não se mexeu, pondo-se a lamber a perna ferida. Mas uma voz fraca veio de longe.

- Pronto! – E um negrito saiu da casa do secretário, estremunhado, com os braços cruzados sobre o peito.

- Não é tu, é cão – disse-lhe Cebola, sem se voltar. E tornou: - Eh Ratão!

O cão uivou para o negro e o negro riu-se para o cão. E o rapazito foi-se embora, a resmungar. E naquele momento odiou mais que nunca o secretário que lhe trocara o nome que sempre usara na sua senzala pelo do cão, só para se divertir à sua custa. E o sipaio e criados dos brancos imitavam o

---

<sup>9</sup> SANTOS, Gislene Aparecida dos. A invenção do “ser negro”: um percurso das idéias que naturalizaram a inferioridade dos negros. – São Paulo: Educ/Fapesp;Rio de Janeiro: Pallas, 2005.

secretário, na sua chacota permanente, chamando ora pelo cão, ora pelo moleque.

(SOROMENHO, 1985, p. 33)

Observemos a construção simbólica, na obra de Soromenho, ao colocar o colonizador como nomeador do colonizado e essa nomeação se dá de forma negativa através da animalização do colonizado na figura da subserviência canina e da repugnância do roedor. Algo que é reproduzido por outros colonizados (o cozinheiro Cebola, os sipaios e os outros empregados), normalizando a inferioridade dos iguais e fixando uma construção mental dessa inferioridade, criando, assim, redes de poder permeando todo o corpo social subdividindo-se em micro-poderes, extensos às instituições que formam os hábitos, discursos e mentalidades<sup>10</sup>. Apesar de Terra Morta não carregar em suas páginas sequer menções ao papel da igreja católica na implantação da base ideológica da colonização angolana, em contrapartida, abusa da exposição da validação da superioridade branca sendo implantada no imaginário dos nativos. Essa se dá através, principalmente da desvalorização de imagem e cultura da população local. O colonizador não só nomeia o colonizado como ainda impede-o de ter voz. Essa dicotomia branco, colonizador, “superior” X negro, colonizado, “inferior”, que marca o lugar social de cada um, apresenta-se diversas vezes nas páginas de Terra Morta. O autor deixa nas entrelinhas essa situação como algo que vai fixando-se no imaginário local de ambas as partes.

### **Soromenho e a idealização da “democracia racial” do Brasil.**

O grande equívoco em “Terra Morta” é a indução ao leitor de que o Brasil construiu para negros, brancos e mestiços uma estrutura social democrática, positiva, diferente da angolana. O personagem Joaquim Américo simboliza essa voz democrática de um brasileiro que não consegue adaptar-se as estruturas sociais injustas de Angola:

Quando se encontrava só e desocupado, o seu espírito volvia-se para o Brasil, de onde viera por ter entrado na revolução de São Paulo contra a Ditadura. Mas o Brasil não lhe saía do sentido e sentia que o seu destino ali teria de se cumprir. Tinha como certo o seu regresso a esse país que era como a sua pátria. Menino de colo, levaram-no de uma aldeia minhota para a terra brasileira. Cresceu numa fazenda de café, no planalto paulista, onde o pai fora trabalhador e acabara em capataz. A mãe morrera-lhe pouco tempo

---

<sup>10</sup> FOUCAULT, Michel. Microfísica do poder. Trad. Roberto Machado. Rio de Janeiro: Graal, 1995, p. 248.

depois de chegarem a fazenda. D. Ana Bandeira, mulher do roceiro, que vivia ralada de desgostos com a vida que o marido levava, sempre a caminho da cidade, onde tinha amante com casa posta e automóvel, chamara a si o pequeno.

. (SOROMENHO, 1985, p. 20)

Após a morte do coronel José Bandeira, Marido da mulher que o criara, o pai de Américo, torna-se capataz do novo proprietário da fazenda de café e D. Ana Bandeira leva o menino para a cidade de São Paulo. Aos doze anos sai de casa por não suportar as constantes humilhações que D. Ana o faz passar. Passa a trabalhar no jornal *O Rebate*, (no qual inicia como moço de tipografia e chega a linotipista), que é fechado após a revolução vencida pelos fascistas. Américo torna-se persona non grata e, clandestino foge para a Bahia de onde consegue chegar a Angola abordo de um cargueiro:

Foi então que o dono da pensão onde se hospedara o relacionou com o administrador de circunscrição Gregório Antunes, que estava de passagem para Luanda. No convívio de uns dias, Américo ganhou a simpatia do velho colonial, que passava a vida a contar histórias da Ocupação e a cobrir a terra angolana que amava, como se ali tivesse nascido, de heróis. Américo falava-lhe do Brasil e do seu povo em luta por uma democracia progressiva. Antunes entusiasmava-se e, a cada passo, interrompia-o exclamando:

- “Grande terra, sim senhor! E fomos nós portugueses, que fizemos aquilo.”  
(...) Américo sorria com indulgência e falava-lhe dos homens de todo o mundo que formavam o povo brasileiro. “Pois sim, não duvido, mas nós fomos os primeiros”, retrucava-lhe o administrador. “E os negros”, acrescentava Américo. Mas Gregório Antunes torcia o nariz, meneava a cabeça, punha-lhe uma mão no ombro e afirmava: - “Não, meu amigo. O senhor não conhece negros. Agora e que os vai conhecer e verá que é raça que não presta. Nem para cavar têm jeito”. E punha-se a contar, horas a fio, histórias de negros, dessas “crianças grandes” que só deviam ser tratadas dando-lhes “pão com uma mão e chicote coma a outra”. Américo espantava-se com o que ouvia e chegou a julgar aquele homem um monstro.

. (SOROMENHO, 1985, p. 20)

Nesse ponto da narrativa, Soromenho induz a uma visão do Brasil concernente ao que se convencionou de “democracia racial”, impulsionada principalmente pelos estudos de Gilberto Freyre que, entre outras obras, na célebre “Casa-grande e senzala” defende que nos engenhos havia um trânsito bem mais vigoroso, inclusive sexual, entre os brancos da casa grande e os negros da senzala, (por conta, segundo a visão de Freyre, inclusive, dessas microcélulas de colonização – os engenhos - conterem um menor número de mulheres e da característica afável do colonizador português) gerando produtos culturais e biológicos (os mulatos) que, ainda segundo a ótica de Freyre, se não anularam, amenizaram o racismo brasileiro. Nesse sentido, seria o Brasil a colônia de Portugal que frutificou tanto econômica



quanto humanamente. Joaquim Américo é o Brasil da “democracia racial” que olha estranhado para a colonização portuguesa em Angola:

Joaquim Américo apertou a mão aos mulatos, os que os outros funcionários nunca faziam, e foi direto a José Calado, que gritou para dentro da casa a pedir cadeiras. (...) A negra Francisca veio com as cadeiras e seu melhor sorriso. Américo deu-lhe a mão, como aprendera no Brasil e era motivo de censura dos brancos de África. Ela afastou-se um pouco, fingindo-se entretida a olhar para os mulatos, mas toda ouvidos à conversa dos brancos.  
. (SOROMENHO, 1985, p. 117)

A discordância de Américo, em relação ao sistema colonial, transforma-se em ações mais incisivas ao defender o mulato João Calado, filho do colono José Calado, quando esse cobra da administração a herança do pai morto. Quando se inicia uma sessão de tortura contra o mulato, surge a figura heróica de Joaquim Américo:

- Toma! toma, cão! – E Silva chicoteava-o às cegas. A porta abriu-se com estrondo e Joaquim Américo correu sobre o Silva, arrancou-lhe o chicote, atirou-o para longe e esbofeteou-o.  
- Pulha! Cobarde! Sampaio meteu-se entre eles, a cobrir o secretário. Ó Américo, veja o que está a fazer, homem!- dizia o Sampaio. Jaime Silva escondeu-se atrás da sua mesa de trabalho e pôs a gritar:  
- Está preso! Sipaio, prendam este branco! Sipaio! O sipaio Aparo tinha-se escondido debaixo do balcão e não havia gritos nem ameaças que o fizesse mexer. Batata fugira para as traseiras da casa, surdo a qualquer chamado. Américo voltou as costas aos colegas e saiu da Secretaria. Viram-no atravessar o largo e meter à estrada.  
. (SOROMENHO, 1985, p. 216)

Os próximos passos da trama seguem-se na construção das idealizações românticas, tal qual a beleza branca de D. Jovita, citada anteriormente. Construções comuns aos inúmeros heróis (geralmente brancos a protegerem os negros “fracos e oprimidos”) da literatura romântica do Brasil, ou personagens como “Tarzan” do cinema Hollwdiano. Inicialmente, tem-se a propagação do “mito” do herói:

Negros que tinham ido à administração contaram o que fizera Joaquim Américo, mas os homens das aldeias não quiseram acreditar. Um velho afirmou que tudo era mentira, que não havia branco que tomasse a defesa de um mulato contra outro branco. Disse aos berros que conhecia bem os brancos e sempre os vira unir-se contra os homens que não eram de sua raça. Mas vieram outros homens da vila, alguns velhos de consideração, e confirmaram tudo o que os outros disseram. O velho escutou-os em silêncio, esteve muito tempo de olhos escancarados, sem dizer palavras, e de repente, levantou-se, correu para o tambor do terreiro e começou a tocá-lo, gritando:  
- Povo! Nasceu o coração do branco!  
E pôs-se a cantar uma canção de louvor para Joaquim Américo. Os homens nus formaram roda a volta do tambor e bailaram cantando a canção do velho.  
. (SOROMENHO, 1985, p. 217)

Em seguida, o “mito” se desdobra no caráter inquebrantável do herói frente ao administrador Gregório Antunes:

- D. Jovita deixou-o à porta da sala de jantar e retirou-se.
- Entre, Américo – convidou o administrador, empurrando-lhe uma cadeira, sem se levantar – Sente-se aqui. Então, pronto para nos deixar?
  - Vou amanhã de manhã com o Rocha. Vim despedir-me e...
  - Espere, homem! – Cortou o administrador, a sorrir – já sei de tudo e quero falar-lhe. Estava só à espera que viesse cá.
- Pela janela aberta para o quintal, chegavam-lhes frases soltas, em português estropiado e quioco, e risos de negros.
- O senhor andou mal nessa história do mulato e o Silva excedeu-se. Se eu estivesse cá, nada disso se teria passado. Mas o que está feito, está feito. Agora, o que é preciso é contemporizar.
- Joaquim Américo franziu o sobrolho, mas não disse nada.
- Ora diga-me, Américo, tem alguma graça inutilizar a sua carreira por causa de um farrusco? Bolas! Um mulato atrevido que apanha uma chicotada e o senhor toma partido por ele! Um malandrim que em qualquer altura lhe faria o mesmo, não tenha dúvidas. O senhor não conhece esta canalha. Isto não é Brasil, Américo. (...)
  - Não percebo o que quer dizer, senhor administrador. Eu já não sou funcionário. E, quanto ao resto, fiz o que devia fazer.
- D. Jovita entrou e um cheiro de perfume encheu a sala.
- Bem. O senhor volta amanhã para o serviço. E não se fala mais nisso.
  - Obrigado, mas não aceito.
- Gregório Antunes abriu os olhos muito espantado.
- Como?! Mas se foi o próprio Silva que...
  - Não, senhor Antunes. Fico-lhe muito agradecido, mas vou embora. (...)
  - Ah! Já sei... As suas idéias... e esse horror que o senhor sente por tudo isto, não é? O senhor nunca compreendeu esta vida.
  - Perdão, eu compreendo, mas não aceito, o que é diferente. Vou até à metrópole.
  - Os senhores dão vontade de rir com essa mania de defensores do negro. Olhe que a negralhada não lhe agradece... – E o administrador riu alto.
  - Eu não os defendo por serem negros, porque para mim a cor e as raças não contam, mas sim como homens que são tratados como animais, como bestas, nada mais.

. (SOROMENHO, 1985, p. 242/243/244)

No entanto, o equívoco de Soromenho se estabelece quando coloca o Brasil para falar através da voz de José Américo, pois vislumbramos que as bases teóricas e ideológicas fundadoras do Estado brasileiro foram as mesmas fundadoras de outros Estados colonizados por Portugal: um eurocentrismo calçado, principalmente, no Darwinismo Social e nas idéias de pensadores como o conde de Gobineau.

O Brasil nasce como colônia provedora de matérias-primas da metrópole (Portugal) e o encontro das bases raciais que formaram o seu povo (portugueses, africanos e indígenas) não se deu de modo idílico – conforme o movimento romântico – e sim através da subjugação. No momento que o território deixa de, politicamente, ser colônia e alça-se a categoria de nação, a elite nacional faz surgir a discussão sobre

a identidade nacional<sup>11</sup>. Nesse sentido, a diversidade racial e cultural era para as elites intelectuais e políticas um entrave para a colocação do país entre as grandes potências mundiais. A solução encontrada fora lançar mão de um projeto eugenista que visava o branqueamento da população<sup>12</sup> brasileira. Destaquemos o pensamento de dois intelectuais de grande peso nesse âmbito: Silvio Romero que acreditava ser possível o branqueamento nacional com o transcorrer de gerações, mas ressalta:

É preciso ser completamente ignorante em coisas de antropologia e etnologia para desconhecer o duplo fenômeno da persistência dos caracteres fundamentais das raças, por um lado, e, por outro lado, o fenômeno de cruzamento de todas elas, sempre que se acham em contato. O desaparecimento total do índio, do negro e do mestiço poderia ocorrer, apenas, se toda a miscigenação futura incluir um parceiro extremamente claro (senão branco)...<sup>13</sup>

E Raimundo Nina Rodrigues que, apesar de, também, ver o branqueamento como solução para o Brasil, diferentemente de Silvio Romero, não acreditava na vitória da raça branca sobre a negra, pois, para esse intelectual, o mestiço de sangue negro era a degeneração da raça superior (a branca) e que marcaria a inferioridade nacional pelo enegrecimento:

Não acredito na unidade ou quase unidade étnica, presente ou futura da população brasileira, admitida pelo Dr. Silvio Romero. Não acredito na futura extensão do mestiço luso-africano a todo território do país, considero pouco provável que a raça branca consiga predominar o seu tipo em toda a população brasileira<sup>14</sup>.

Mesmo que esse projeto tenha sido aposentado em meados do século XX, a ideologia que o sustentava foi intojetada, inicialmente pela catequese católica, na população brasileira desde os segmentos menos letrados até as rodas acadêmicas e até hoje influencia negativamente no crescimento político-social dos descendentes de africanos e indígenas que sofreram um processo de tentativa de subalternização primeiro pelos colonizadores europeus e progressivamente pelas elites do país. Quanto mais visível é no corpo do brasileiro o legado de africanos e indígenas, maiores dificuldades terá de ascensão social em uma sociedade assimilacionista

---

<sup>11</sup> Ver MUNANGA, Kabengele. Rediscutindo a mestiçagem no Brasil: identidade nacional versus identidade negra - Belo Horizonte: Autêntica, 2006

<sup>12</sup> MUNANGA, Kabengele. Op.cit., p. 56.

<sup>13</sup> ROMERO, Silvio. Prefácio a Tito Lívio da Costa (O Brasil e o negro).Outlok. V. 106, p. 410, 21 de fev., 1914, apud MUNANGA, Kabengele. Op.cit., p. 57.

<sup>14</sup> RODRIGUES, Raimundo Nina. As raças humanas e a responsabilidade penal no Brasil. Salvador, Livraria Progresso Editora, 1957, p.90, apud MUNANGA, Kabengele. Op.cit., p. 61.

criada sobre um ideal de branqueamento. E, hoje, apesar de muitos ainda acreditarem em uma “democracia racial” nacional, nota-se que essa é de fato inexistente quando se observa os aspectos físicos predominantes na população carcerária, nos bolsões de miséria espalhados pelo país, ou ainda na mídia televisiva que pouco espaço cede aos afrobrasileiros e indígenas, salvo nos telejornais ou documentários e programas sensacionalistas que retratam a degradante realidade do país<sup>15</sup>. O mito da “democracia racial” ganha força a partir do momento em que a política de branqueamento enfraquece (meados do século XX), apesar de sobreviver no imaginário nacional, e estende-se além das fronteiras do território brasileiro como se vê simbolizado, em *Terra Morta*, na figura do personagem José Américo.

### **Referências Bibliográficas**

FOUCAULT, Michel. *Microfísica do poder*. Trad. Roberto Machado. Rio de Janeiro: Graal, 1995.

ISER, Wolfgang. *Os atos de fingir ou o que é fictício no texto ficcional*. In: LIMA, Luiz Costa. *Teoria da literatura em suas fontes*. Vol. 02. Livraria Francisco Alves SA. Rio de Janeiro, 1983.

MUNANGA, Kabengele. *Rediscutindo a mestiçagem no Brasil: identidade nacional versus identidade negra* - Belo Horizonte: Autêntica, 2006

PENNA, Filho Pio. *A África contemporânea: do colonialismo aos dias atuais*. – Brasília: Hinterlândia Editorial, 2009.

RIBEIRO, Darcy. *O povo brasileiro: evolução e sentido do Brasil* – São Paulo: Companhia das letras, 1995.

SANTOS, Gislene Aparecida dos. *A invenção do “ser negro”: um percurso das idéias que naturalizaram a inferioridade dos negros*. – São Paulo: Educ/Fapesp; Rio de Janeiro: Pallas, 2005.

SANTIAGO, Silviano. *O entre-lugar do discurso latino americano*. In: *Uma literatura nos trópicos: ensaios sobre dependência cultural*. Rio de Janeiro: Rocco, 2000.

SOROMENHO, Castro. *Terra Morta* – Cuba: Ediciones Cubanas. União dos Escritores angolanos e Imprensa, 1985.

---

<sup>15</sup> Para maior reflexão sobre o tema ver ARAÚJO, Joelzito Almeida de. *A negação do Brasil: O negro na telenovela brasileira*. – São Paulo: Editora SENAC, 2000.